



## De Lá Pra Cá, Daqui Pra Lá: o Pesquisador Sacoleiro indo ao Paraguai<sup>1</sup>

Rodolfo POLZIN RONDON<sup>2</sup>

Ludmila BRANDÃO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### RESUMO

Este trabalho trata da etnografia urbana, ancorada nas articulações teóricas de José Ricardo C. Magnani, realizada no mês de maio de 2011 como forma de vivência da realidade dos camelôs do *Shopping* Popular de Cuiabá em suas viagens de compras ao Paraguai. Esses atores sociais, pesquisados por mim a mais de três anos, driblam as tentativas de disciplinamento e reinventam práticas comunicacionais em benefício de seu trabalho. Este texto apresenta, detalhadamente, o diário de viagem e algumas aproximações teóricas, relacionando a pesquisa de campo com o dissertar no gabinete. Convido todos a embarcar nessa viagem que, sem dúvidas, mudará a maneira como vemos os camelôs, seus produtos e serviços.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; consumo; etnografia urbana.

Ouvir, durante tantos anos, os relatos dos camelôs do *Shopping* Popular a cerca de suas idas e vindas ao Paraguai despertou em mim o desejo de vivenciar essa experiência. Ancorado nas reflexões etnográficas de José Guilherme Cantor Magnani em seu artigo “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” a etnografia adotada contempla o estudo dos atores sociais no contexto da cidade e a partir das relações que a mesma estabelece com os seus atores, seus fluxos, trânsitos e pertencimentos. Para ele, isso permite o resgate e a inserção da dinâmica da cidade observando suas multiplicidades, seus diferentes centros. A etnografia urbana de Magnani serve para darmos visibilidade às práticas desses atores sociais bem como para os próprios camelôs, ainda hoje marginalizados.

Embarcamos<sup>4</sup> no dia 03 de maio de 2011 rumo a Foz do Iguaçu, cidade do estado do Paraná que faz divisa com o Paraguai e a Argentina. O avião ainda não havia pousado e a integração entre as duas cidades era evidente num horizonte quase

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea ECCO – UFMT, email: rodolfopolzin@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea ECCO – UFMT, email: ludbran@terra.com.br

<sup>4</sup> A viagem se deu na companhia de Hugo Vuerzler, mestrando do mesmo programa.



indistinto. Foz do Iguaçu com seus mais de 300.000 habitantes demonstra toda a sua potência para quem chega pelo ar. A cidade é grande, esquadrinhada e adoravelmente verde. O imenso lago de Itaipú, ao longe, destaca outra divisa, que não vem ao caso agora. O avião aproximava-se do solo e um frio me percorreu a espinha. Dentro do avião, ouvia-se o burburinho dos viajantes, cada um a sua maneira, com as mais diversas expectativas para a chegada. Alguns apontavam para a ponte da amizade, outros relistavam em voz alta suas encomendas. O Paraguai e seus produtos *Made in China* estavam dentro do avião. O baque com o solo marcou a chegada, finalmente estávamos a alguns passos do maior aglomerado do meu objeto. Estava ansioso pelo encontro que não tardaria.

Logo na entrada do setor destinado ao desembarque um imenso *frotlight*<sup>5</sup> anunciava a loja paraguaia “Monalisa”. Um garoto, franzino, entregava compassadamente para os “chegantes” uma revista que instruía os novatos a como navegar por esse mar do consumo. No caminho até o hotel, Monalisa nos perseguiu, por todos os lados, com seu *bienvenido* ao Paraguai-Brasil. O taxista nos deu as primeiras instruções deste novo lugar, que em breve tornar-se-ia espaço para mim<sup>6</sup>. Por todo o percurso, vimos placas de sinalização em três idiomas (português, inglês e espanhol). A cidade marcava-se como cosmopolita. Depois da chegada ao hotel, fomos encaminhados para o quarto, chegando lá, o atendente nos perguntou por quanto tempo ficaríamos e tomou um susto, quando respondi oito dias. A reação dele demonstrou que, por lá, ficavam mais sacoleiros do que eu imaginava e por menos tempo, como depois constataríamos. Depois de um breve descanso, saímos e, nas ruas, ouvíamos várias vozes de vários lugares do mundo, como os produtos, as pessoas circulam por esta região com uma naturalidade própria do lugar, para além do turismo curioso, víamos um turismo objetivo, focado, clandestino, por entre as brechas da fiscalização da Receita Federal. Os comércios formais<sup>7</sup>, adaptados à realidade cinza<sup>8</sup> da cidade, é trilingue em gesto e modo. Gesto de quem recepciona e modo de quem espera. A cidade é polifônica

---

<sup>5</sup> Os *frontlights* são feitos de lona de vinil utilizada para impressão de painéis luminosos. Possuem um filme de PVC no verso do produto que bloqueia a passagem de luz, possibilitando a iluminação frontal. Essa lona é iluminada por refletores externos, formato que deu origem ao nome do veículo.

<sup>6</sup> Segundo Michel de Certeau, espaço é todo “lugar praticado”, isto é, todo lugar que traz, em si, o “peso” da vivência de seus praticantes. Nele ocorrem “os cruzamentos dos móveis [e é] de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que [ali] se desdobram” (CERTEAU, 2007, p. 202) (grifo nosso).

<sup>7</sup> Registrados no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), com alvará de funcionamento emitido pela prefeitura.

<sup>8</sup> Conceito de Arjun Appadurai (2005, p. 58) que denomina práticas que transitam entre a legalidade e a ilegalidade, um mercado cinza, já que não é tão ilegal quanto o mercado negro nem tão branco quanto o mercado oficializado.



e multinacional. Caminhamos mais e a cidade se tornava menos estranha, o popular e clandestino me eram familiares, curioso fato que destaco aqui.

Depois de perambular escolhemos onde comer, um restaurante árabe foi eleito. Lá dentro, o cardápio simples mostrava em que lugar estávamos. Aos poucos, chegaram homens estrangeiros, com seu português miscigenado, falavam em português e árabe. Curiosa cidade cosmopolita, clandestina, polifônica. Aqueles homens perderam meu foco quando, na mesa ao lado, um homem falava em tom alto dos perfumes que pretendia trazer do Paraguai enquanto instruía seu ouvinte, a observar bem as cores da embalagem, ao passo que o “encomendante” delimitou bem quais eram suas preferências. Uma mulher a mesa o interpelou, pedindo que fosse mais discreto. Ele a reprimou, com um tom áspero disse “estou tratando de negócios, enquanto essas pessoas apenas comem”. Perfumes importados, replicados, falsificados. Sim, ele tratava de negócios.

Sáimos do restaurante deixando o comerciante para trás. No caminho de volta para o hotel, diversas bancas, que antes ali não estavam, surgem como quem brota do chão. Hugo escolhe a banca que vendia colchas e o primeiro produto genuinamente *Made in China* de nossa viagem foi comprado. Quase chegando ao hotel, uma loja de souvenirs vende produtos do Brasil-Paraguai-Argentina-China. É interessante ver essa loja, com características de um não-lugar mundial, ser cosmopolita ao mesmo tempo que é não espacial. Voltamos para o hotel e a viagem, de fato, começava. O caminho do consumo começou a ser desenhado. O primeiro dia terminou.

Na tarde do segundo dia (04/07/2011) tomamos o ônibus rumo à ponte da amizade. O Paraguai estava cada vez mais próximo, a pouco mais de 7 km de distância do ponto no qual estávamos. O ônibus estava lotado, pagamos R\$ 3,30 por pessoa para chegar do outro lado da ponte, o ônibus era internacional e trazia em si instruções nos dois “idiomas nativos”. Além das instruções, o preço da passagem podia ser pago em Reais (moeda brasileira), Pesos (moeda argentina) ou Guaranis (moeda paraguaia). Não me ative ao câmbio naquele momento, mas destaco a importância desse mecanismo da economia que invade o Paraguai-Brasil. As múltiplas vozes falavam dentro do ônibus os mais diversos assuntos nos mais diversos idiomas. Olhava nos rostos dos passageiros e imaginava o que os fazia estar ali, por volta de 12h30min, atravessando a fronteira rumo à cidade vizinha. A viagem parecia longa, mas atribuo isso à ansiedade que me espreitava, o desejo de chegar logo. Avistamos os imensos shoppings paraguaios e seus letreiros do lado de cá. O horizonte pode ser comprado como o que ele anuncia.



Finalmente avistamos o rio Paraná e na sequência a Ponte da Amizade. Fiquei espantado e absorto com a quantidade de carros, motos, vans e ônibus trafegando loucamente pelo local, o fluxo era intenso, louco, desenfreado. As pessoas carregavam suas sacolas-compras da maneira que dava e iam seguindo para seus destinos. O Paraguai começa a se mostrar como é, subdesenvolvido, *pero no mucho*. Passamos pelo posto da Receita Federal do Brasil, na pista dedicada aos ônibus (as pistas se dividem em: motocicletas, automóveis, vans, ônibus e caminhões) sem problemas, pelo menos na ida, falarei sobre isso mais tarde. A travessia da ponte não foi longa, porém demorou mais de 30 minutos devido ao tráfego intenso e desenfreado. Era interessante acompanhar esse fervilhar e observar de perto as pessoas que faziam esse percurso a pé<sup>9</sup>. Logo começamos a avistar ambulantes vendendo batatas fritas em tubos<sup>10</sup>, meias, capas para câmeras fotográficas entre outros. Essa cena me era familiar.

A aduana paraguaia foi simpática, bem como seus policiais federais que apenas compunham a paisagem, ali, em pé. Descemos do ônibus e como um enxame rapazes ofereciam ajuda para transitar. Entregavam panfletos publicitários dos diversos *shoppings* do lado de cá, os panfletos, como a frente das lojas mostra-me a possível raiz da publicidade subalterna praticada no camelódromo de Cuiabá. “Não, obrigado”, repetimos quase que como um mantra até a entrada do *Shopping Del Este*.

As portas automáticas se abriram e meu coração disparou. Meus olhos avistaram um Iphone 4, objeto de meu desejo que cerceio no mesmo instante, já que esta era uma viagem de pesquisa e eu estava ali como pesquisador, com um método preestabelecido e um planejamento a cumprir. Junto com Hugo, entrei na primeira loja. Ele ficou fascinado com o que viu e se perdeu. Mantive firme meu propósito rastreando indícios do que procurava, objetos, quinquilharias. Mais tarde percebi que jamais encontraria quinquilharias nesse lugar. Hugo costurava o *shopping* de loja em loja e me irritava com essa perturbação na ordem de minha etnografia. Decidi e impus que deveríamos cambiar algum dinheiro para falar na língua local (Dólar) as questões de preços e produtos. Após um breve desentendimento, Hugo desmontou este pesquisador quando disse que queria se perder nesse mar de atratores<sup>11</sup> e que eu deveria fazer o mesmo, para

---

<sup>9</sup> Também fizemos esse percurso a pé, como vemos mais a frente.

<sup>10</sup> Réplicas das mundialmente conhecidas batatas Pringles.

<sup>11</sup> CANEVACCI, M. **Fetichismos Visuais**: corpos eróticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

poder entender o que realmente estávamos fazendo ali. Naquele momento, Hugo salvou meu segundo dia de pesquisa de campo, já que só me perdendo, poderia me encontrar enquanto pesquisador-consumidor. Pesquisa de perto e de dentro. Eu estava de fora e de longe. A pesquisa estava salva, mas meu bolso, com alguns dólares, começava a declinar. Saímos do *shopping* sem comprar nada.

Caminhamos rumo à ladeira que lembrava a vinte e cinco de março<sup>12</sup>. Um menino nos seguiu durante todo o percurso oferecendo três pacotes com três pares de meias por “dez reales”. No final, já eram sete pacotes pelos mesmos “dez reales”. Não compramos as meias e entramos por entre um dos becos de um outro Paraguai. Os prédios conjugados tornaram-se unos, com as frentes repletas de bancas e tabuleiros, com os mais diversos produtos. As calçadas se tornaram corredores, com paredes de lonas remendadas e coloridas. Fui atraído por uma banca com colchas coloridas, o preço me espantou, não comprei<sup>13</sup>.

Seguindo o fluxo dos transeuntes entramos no primeiro conglomerado de lojas. Munidos de dólares, descobrimos que lá o câmbio era em três moedas, feito nas calculadoras, com as taxas a revelia do valor da Bolsa de Valores no instante da compra. Na vitrine de uma loja, avistei diversos bibelôs, quinquilharias. No *Shopping Ásia*, na loja “Happy 4” fomos atendidos por Karen, uma simpática paraguaia que pacientemente aguardou enquanto Hugo e eu surtavamos com os produtos globalizados *Made in China*. No caixa o simpático chinês proprietário da loja calculava meu troco enquanto atendia ao telefone e durante alguns minutos, falava em português, guarani e chinês com a pessoa do outro lado da linha. Eis diante de mim um dos pivôs da relação China-Paraguai-Brasil. Saímos da loja e seguimos para outras.



Figura 1 Bibelôs *Made in China*

<sup>12</sup> Rua do comercio popular na cidade de São Paulo.

<sup>13</sup> Estava mais cara que a similar comprada no dia anterior em Foz do Iguaçu, acho que nossa cara de “turista” valorizou o produto.



Em um dos corredores, Hugo avistou uma banca de relógios e assustou-se com o preço quase que único: dois reais. Vi um delírio nos seus olhos e ele começou a tentar barganhar com a moça um desconto para outra peça, mais luxuosa, que custava absurdos (perto das outras) vinte e cinco reais. Ele não obteve sucesso. Ainda no *Shopping Ásia* entramos na loja “Super K”. A loja era grande e diversificada. Nada nos atraiu. Nas escadarias da saída da loja, uma senhora desembrulhava uma série de camisetas. Mais tarde descobrimos que ela fazia isso pra passar pela aduana brasileira, esperta senhora, cinza senhora. No subsolo do mesmo *shopping* vamos à loja “Toys”. Lá compramos mais quinquilharias e presentes, o pesquisador-consumidor sentiu-se livre. Curiosamente, nessa loja encontramos diversas imagens de santos em resina. Santos “tipicamente” brasileiros. Destaco a “Yemanjá europeia<sup>14</sup>”, vinda da África, fabricada na China, cultuada no Brasil e vendida no Paraguai. No primeiro piso do *shopping Ásia* entramos na “Loja B”, lá encontramos roupas *Made in China*. Embora não fosse meu foco, elas eram irresistíveis, compramos. Cansados, decidimos encerrar nossa etnografia ali. Subimos a ladeira rumo à aduana paraguaia e só avistamos no topo da avenida um dos ônibus que nos traria de volta ao Brasil. Caminhamos por entre pedestres e motos, caminhamos nos becos entre lojas e bancas. Ouvimos as multilínguas por aqui faladas. Chegamos ao ônibus e, pelos mesmo três reais e trinta centavos, seguimos em direção ao Brasil. O trecho de saída do Paraguai estava tumultuado, mas logo estávamos sobre a ponte e num piscar de olhos chegamos à fiscalização brasileira.

O ônibus para e um rude policial federal brasileiro entra no ônibus e de maneira grosseira e intransigente revista às bolsas e sacolas, obrigando eu e Hugo a declararmos nossos “inúmeros” produtos. Já na receita, o atendente nos tranquiliza, dizendo apenas que devemos declarar nossos nomes, já que nossas compras não ultrapassavam o limite de trezentos dólares. Esse mesmo atendente nos faz perder nossa passagem gratuita garantida (assegurada pela empresa do ônibus que nos trazia) quando nos manda seguir em frente, enquanto deveríamos voltar à aduana para tomar o próximo ônibus rumo ao Brasil. Terminamos o percurso a pé e, já no Brasil, um táxi paraguaio para a nossa frente e dele descem quatro rapazes rumo ao porta-malas do carro, do qual retiraram vários eletrônicos trazidos do Paraguai e sonegados na aduana. Ou seja, ônibus sofrem “baculejos”, táxis não?

---

<sup>14</sup> Caucasiana com os traços finos e o corpo magro.



Figura 2 Compras do primeiro dia no Paraguai

Tomamos outro ônibus que, curiosamente, destinava-se à Argentina, passando pelo Brasil, custando vinte centavos a mais que o anterior. Descemos em nosso ponto e seguimos para o hotel. Hugo espalha nossas compras pela cama (figura 2) e as observamos, encerrando assim o dia em que minha pesquisa foi salva.

Dedicamos o 3º dia (05/05/2011) ao “turismo”. Partimos relativamente cedo para o Parque Nacional de Iguazu. Voltamos ao anoitecer para o hotel e, depois de descansar, saímos para explorar mais a nossa região. Na calçada de nosso hotel, uma loja nos atraiu. Ela abrigava produtos como artesanato e pedrarias, passando pelas quinquilharias, é claro. O dono era um sério paraguaio que mal levantava de seu banco, atrás do balcão do caixa. As vendedoras, muito simpáticas, tentavam disfarçar a antipatia do “seu Francisco”. Não era a primeira vez que vínhamos a esta loja, mas foi a primeira que compramos algo (muitos “algos”, por sinal). Depois de fechada a compra, seu Francisco era outro, simpático, indo na contramão do tratamento dos outros estabelecimentos dessa zona fronteira.

Atravessamos a rua e fomos até a Feira Iguazu. Tratava-se de um corredor de bancas em metal, que mais parecem garagens enfileiras, que ocupam as calçadas dos dois extremos da avenida Brasil. Os produtos seguiam a linha “no Paraguai não tem”, entretanto, tinham a malemolência do brasileiro, no que tange a negociação dos preços. Senti-me como no *Shopping Popular* de Cuiabá. Havia uma similitude entre os produtos e os arranjos. De lá voltamos para o hotel e nos preparamos para o dia seguinte, que seria todo dedicado aos *shoppings* do Paraguai.

O quarto dia (06/05/2011) começou cedo. Estávamos programados para passar o dia no Paraguai. *A priori*, escolhemos o *Shopping China* e o *Shopping Monalisa*, depois, o fluxo das ruas nos guiaria. Seguimos para o ponto de ônibus, em frente ao terminal urbano de Foz. Logo passou o ônibus internacional que liga as duas cidades. Entramos e

nos deparamos com o ônibus relativamente vazio, todas as pessoas estavam sentadas e três delas, em especial, me chamaram a atenção. A primeira era um homem de meia idade, com um sotaque não identificável, o segundo era também um homem de meia idade brasileiro e a terceira era uma mulher jovem. Os três conversavam tranquilamente assuntos variados, até que a mulher começou a instruí-los de como burlar a fiscalização das mais diversas formas, inclusive como fazê-lo nos aeroportos. Segundo ela, para atravessar a ponte, devemos desembalar todos os produtos, dar um ar de uso a eles (fato já observado e comprovado pelas atitudes dos sacoleiros vistos anteriormente) e misturar para não identificarem rapidamente a repetição em quantidade. No aeroporto, ainda segundo ela, devem-se retirar todas as etiquetas, lacres e qualquer outro signo do novo, lembrando para cuidar com as repetições em quantidade. Eu deveria agradecer a essa mulher, por ter essa conversa logo ali, perto de mim. Preferi não abordá-la, a fim de não suprimir sua espontaneidade. Essa mulher, sacoleira, vinha do interior de São Paulo para comprar produtos e revender em sua cidade.

Nessa “conversa”, dou por mim chegando à ponte, que estava com um fluxo três vezes maior que no primeiro dia que cruzamos, a véspera do dia das mães marcava presença já na ponte. No caminho de chegadas e saídas, muitos *outdoors* demarcam o espaço e me remeteram a Las Vegas<sup>15</sup>. Os veículos eram inúmeros, chegava a ser louco e pulsante. A travessia demorou, o fluxo de pedestres era intenso com suas sacolas cheias e imensas, andavam rápido e “magicamente” atravessam. A cidade estava cheia, não havia um só lugar onde não houvessem pessoas comprando ou vendendo coisas, vários ônibus com turistas paravam em vários lugares. Chegamos ao nosso ponto, descemos e, só então, conseguimos ter uma pequena noção do que nos aguardava. Era por volta de 09h45min da manhã e Ciudad fervia. Os ambulantes nos abordavam a todo tempo, chegando a colocar os produtos em nossas mãos a fim de nos tentar. Com certa dificuldade, chegamos ao *Shopping* China, entramos sem olhar para trás.

Dentro do *shopping*, me assustei com o uniforme das atendentes. Ele era incrivelmente curto, sensual. Elas estavam com maquiagens carregadas, quase como gueixas, mesmo sabendo que essas advêm do Japão (mas afinal, o que são as fronteiras por aqui?). Passado o primeiro choque, começamos a perambular pela loja. São apenas dois pisos com os mais variados departamentos, contendo os mais diversos produtos. Os preços eram marcados em dólares, mas a loja seguia a tendência do “plurimonetarismo”

---

<sup>15</sup> VENTURI, R.; SCOTT BROWN, D.; IZENOUR, S. **Aprendendo com Las Vegas**: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.





paraguaio. Hugo comprou alguns perfumes enquanto eu observava os outros consumidores. Em sua maioria, eram homens em busca de eletrônicos e esportivos (e talvez em busca das vendedoras também). Com a compra encerrada, fomos a um dos diversos caixas espalhados pela loja, interessante meio de facilitar as compras e diminuir a fila juntamente com a chance de arrependimento. Pegamos nossas compras na parte de despacho (ou pacote) e saímos rumo à Monaliza.

Driblando os ambulantes, somos recebidos por dois seguranças na porta da loja, lado a lado com o detector de metais e furtos. A loja estava à meia luz (depois descobro que estava sem energia, funcionando apenas com geradores) e, mesmo assim, a loja impunha sua grandeza. O prédio tem seis andares (e mais dois reservados apenas aos grandes clientes), divididos entre perfumaria, vestuário, eletrônicos, alimentos, artefatos para o lar e decoração (não necessariamente nessa ordem). Andamos por todos os andares, todas as sessões. O *shopping* está fervilhando. Inúmeros brasileiros conversam e negociam com os vários atendentes, de ambos os sexos, bem alinhados e apessoados. Pagamos quatro reais em uma garrafa d'água. Depois de um bom tempo perambulando pela loja, decidimos que era hora de visitar os outros lugares, digamos, mais populares.

Os aglomerados de lojas lá, em geral, são *shoppings*, galerias ou casas, que vão desde simples bancas com os produtos até os luxuosíssimos *Del Este* e Monaliza. Do lado direito da avenida principal começamos nossa caminhada, sem rumo, seguindo o intenso fluxo de consumidores variados e polifônicos. Os prédios são quase conjugados, com múltiplas entradas e saídas, sem um núcleo aparente, os prédios são rizomas. A predominância nesses prédios é de lojas de produtos eletrônicos, os mais variados com os mais diversos preços. Enlouqueci com os celulares, principalmente com uma bela réplica do meu desejado Iphone 4. Era impressionante a variedade de marcas de celulares e eletrônicos. Há uma marca (MDU) que possui selo de qualidade de uma certificadora americana, produto chinês com padrão de qualidade americano. Na maioria dessas lojas, a entrada era por uma porta e a saída era por outra, com polos distantes, que mantém o fluxo das pessoas.

Perambulamos por entre os prédios e as calçadas, todas abarrotadas de pessoas, na frente e nos fundos. Esse movimento chegou a me atordoar, por vezes fiquei sem saber como agir, eram muitas pessoas, um barulho atordoante, sem contar as interpelações constantes dos ambulantes que precisam ser ignorados para nos dar sossego. Passamos o restante do dia nessas andanças. Terminamos o dia no *Shopping Del Este*, comprando algumas coisas na loja coreana.

Por uma questão metodológica, atravessamos de van. Saímos do *Shopping Del Este* e seguimos ladeira abaixo para que um dos atravessadores nos escolhesse (já havíamos sido interpelados por um, que cobrou cinco reais por pessoa, mas naquela hora ainda não estávamos de partida). Antes disso, fizemos uma parada em um grande galpão, muitíssimo parecido com o *Shopping Popular* de Cuiabá. Repleto de bancas lado a lado, novíssimo, com algumas poucas pessoas organizando seus espaços e vendendo seus produtos. Notei ali a tentativa de disciplinamento das ruas, os ambulantes estavam sendo, pouco a pouco, convencidos a deixar as ruas e ocupar aquele espaço (figura 3).



Figura 3 Aglomerado de bancas

Saindo desse local, ainda em busca de van fomos abordados por um homem oferecendo tal serviço. Após uma rápida negociação de preço (de vinte reais caiu para 15 com exclusividade de transporte) entramos na van e começamos a arrumar nossas compras entre a mochila e as duas outras sacolas que havíamos comprado, com o propósito de “burlar” a fiscalização. Não foi preciso, nossa van não foi fiscalizada e seguimos uns 200 metros da aduana até a van estacionar para que descêssemos e seguíssemos nosso rumo de volta para o hotel em qualquer ônibus.

No quinto dia (07/05/2011) fomos para *Puerto Iguazú*, na Argentina. Enquanto aguardávamos o ônibus, pude observar com detalhes a chegada de duas senhora que, neste sábado, resolveram fazer compras no Paraguai. Já eram quase onze horas da manhã e as duas remexiam em suas sacolas e comentavam suas aquisições. Enquanto conversavam, pude ouvir que a ponte estava infernal, com uma demora aproximada de quarenta e cinco minutos para a travessia. A aduana brasileira estava movimentada e, não sei como, as duas simpáticas senhorinhas conseguiram chegar tão longe com suas inúmeras compras. Logo chegaram dois homens, conhecidos delas (e só então descobro que além de ponto para a Argentina, esse local era parada de ônibus para os distritos vizinhos de Foz, de onde vinham essas pessoas), também repletos de sacolas. Havia um



ar de intimidade entre eles. Esses vieram a pé desde o Paraguai, já que julgaram ser mais rápido esse meio que o ônibus. Novamente, confirmo que o Paraguai estava repleto de compradores, mesmo não estando lá para ver, enriquece minha etnografia essas informações indiretas e cruciais para o método que utilizo.

Finalmente o ônibus chegou, entramos e logo percebi que algumas pessoas dentro do ônibus vinham do Paraguai em direção a Puerto Iguazú. Dessa maneira, a cidade de Foz era apenas mais uma imensa fronteira a se atravessar. Não haviam muitas pessoas no ônibus. A viagem seguiu tranquila, sem nada que chamasse minha atenção. Já na saída de Foz, a aduana brasileira estava entregue às moscas. Não havia um policial sequer do lado de fora observando quem entrava ou saía do país. Deviam estar todos no Paraguai, perturbando a ordem dos sem ordem. No entre-meio dos dois países encontra-se o maior *durty free* da América Latina. Não paramos nesse local, mas é interessante pensar que ele, supostamente, estava numa zona sem dono, sem lei, um não lugar<sup>16</sup>. Como com o Paraguai, a divisa entre o Brasil e a Argentina se dá por uma ponte. Seguimos em frente e logo avistamos a aduana argentina, nessa todos eram obrigados a parar e descer. Apresentamos nossas identidades e logo depois de responder algumas perguntas práticas somos liberados a retornar ao ônibus e seguir em frente. Após cruzamos a rotatória da cidade, comecei a ver alguns estabelecimentos comerciais, ao modo de *strips*, esses comércios que ocupam a avenida principal a qual a cidade cresce ao redor. A viagem continua até o terminal rodoviário. Durante o percurso não vi ambulantes por aqui, acho que os *hermanos* têm outro jeito de lidar com o comercio subalterno. Já no terminal, nos informamos sobre qual ônibus deveríamos tomar para QuiraOga (nosso destino para hoje) e esperamos até sua chegada seguindo nossos planos para este dia.

Na volta ao terminal pude ver várias pessoas com sacolas dos já conhecidos *shoppings* do Paraguai, era fim de tarde e, acredito, eles voltavam para casa depois de um dia de compras na cidade quase vizinha. Voltamos para o Brasil e seguimos direto para o hotel.

No sexto dia (08/05/2011) o destino era o Paraguai, finalmente iria comprar meu Iphone 4 (réplica, é claro). Partimos para o ponto de ônibus e como esse demorava, acabamos tomando um táxi paraguaio que viera deixar algum outro passageiro advindo de lá. Antes de nós, outros brasileiros já haviam feito o mesmo, com outro táxi que

---

<sup>16</sup> AUGÉ, M. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2004.

passou antes desse. O táxi não para, mas anda lentamente enquanto perguntava o preço (cinco reais por pessoa) e chamava Hugo para embarcamos. Ao nosso lado, no ponto, estava um senhor oriental, esse negocia com os dedos o preço com o “nosso” taxista, que por três reais o aceita como passageiro. Do outro lado da rua, taxistas brasileiros gritam e buzina, não consegui entender o que falavam. Nosso condutor paraguaio disse que os colegas brasileiros não gostam que eles (os taxistas paraguaios) peguem passageiros do lado de cá da ponte. Nosso taxista quebrou a regra. A travessia pela ponte foi rápida, não havia muitos carros no caminho, logo na aduana paraguaia nosso taxista perguntou se era nossa “primeira vez” no Paraguai, respondi que sim, ele logo começou a nos explicar como funcionavam as coisas por aqui aos domingos: o lado esquerdo estava com todas as lojas fechadas (exceto o *shopping* Monalisa), enquanto, em contra partida, todo o lado direito da avenida estava em pleno vapor até as treze horas (para os *shoppings*) e o dia todo para os demais aglomerados de vendas.

Descemos em frente ao *Shopping* China e rapidamente nos misturamos com os transeuntes. Entramos em uma das galerias e começamos a peregrinação em busca de meu Iphone 4 e de um GPS encomendado por uma amiga. No final das contas, compramos com um dos inúmeros vendedores que abaixou o preço do Iphone, GPS e ainda nos deu alguns brindes como lembrança. Quando começamos a desmontar as caixas para travessar a aduana, ele nos ajudou, arrumando sacolas escuras como a mochila a fim de camuflar nossas muambas. Saímos de lá satisfeitos, rumo à ponte, já que hoje, seguindo a etnografia, atravessaríamos a pé.

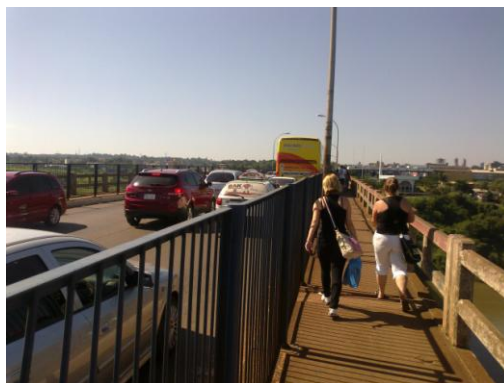


Figura 4 Travessia na Ponte da Amizade

Depois de nos perdermos, rapidamente encontramos a entrada da ponte e seguimos o fluxo. Várias pessoas atravessavam conosco. Hugo foi logo atrás de mim registrando tudo com a câmera do celular. Num dado momento, um taxista percebe que Hugo estava fotografando e começou a xingá-lo em meio aos carros, o trânsito fluiu e ele



segue, nos deixando para trás. A pé a travessia demorou pouco mais de quinze minutos. Chegamos à aduana brasileira e, para nossa surpresa, não havia nenhum fiscal para os atravessadores a pé. Saímos da zona da aduana e vamos até o ponto de ônibus, com os produtos esparramados pelo corpo e pela mochila.

Depois do almoço partimos para a Usina de Itaipú. Chegando lá compramos nossos ingressos e esperamos o horário de partida do passeio pela reserva natural da usina. Logo chegam mais pessoas, turistas, que conversam com seus companheiros sobre suas experiências de compras no Paraguai ou seus anseios pelas que ainda irão fazer. É impressionante como parece haver uma dobra territorial que liga essas cidades através do consumo. Chega à hora de entrarmos no bonde, nosso guia assumiu a frente e começou a falar seu texto decorado.

De tudo que ele disse, vale ressaltar o trecho no qual contou que alguns dos mais de 100.000 operários que ajudaram a construir a usina, ficaram por essas bandas (nos residenciais construídos por Itaipú para eles) e após o término da obra tornaram-se muambeiros. Diante desse fato curioso, Itaipú em parceria com a receita federal construíram a aduana brasileira na saída para a ponte da amizade, que hoje é a maior do país. Concluído o passeio voltamos para nosso hotel e seguimos nosso descanso para o dia seguinte (09/05/2011) voltarmos à Argentina.

O oitavo (10/05/2011), último e triste dia chega. O clima de último dia já se mostrava, acordei com um sentimento de fim de viagem que me entristece. Já estava habituado a este lugar, a estas pessoas, a esse clima que me deixava mais intrigado e tranquilo com relação à minha pesquisa. Pelo quarto, estavam espalhadas as nossas compras, os nossos pedaços do mundo e, particularmente da China. Em cada canto um amontoado de histórias, de biografias, de caminhos das coisas até pararem em nossas mãos. Olhei cuidadosamente cada uma delas, na esperança de ver para além do plástico dourado e frágil.

Finalmente saímos do quarto. No caminho para o Paraguai não me assustava mais com o que via, acho que já pertencia a esse lugar. Mal chegamos ao viaduto e as palavras do taxista do primeiro dia retornam a minha cabeça, não há dia ou hora pra travessia ser longa e demorada. Demoramos mais de uma hora para atravessar. Em pé, no calor, com várias vozes, várias histórias, várias vidas. Vários percursos múltiplos e misturados.

Pedimos que ele (o taxista) nos deixe na entrada da avenida dupla que liga a entrada efetiva do Paraguai a Ponte da Amizade. O começo das bancas não anuncia o



que estava por vir. O começo calmo foi se tornando movimentado chegando à loucura da beira dos *shoppings*. Cambiamos mais dinheiro, as compras estavam listadas, para pessoas específicas no Brasil. Mudamos o percurso e andamos pelas ruas paralelas. Foi fantástico ver a organização por detrás dos *shoppings* e das lojas. Por todas as ruas e vielas saem pessoas puxando carrinhos ou carregando caixas, inúmeras caixas, não identificadas, sem remetente ou destinatário. As caixas saem do nada e entram em lugar nenhum. Da maneira como surgem elas somem. Dentro dos *shoppings* mais camuflados, vemos pessoas desmontando caixas, tirando caixas menores das caixas maiores. Empilhando o lastro dos produtos *Made in China*.

Entramos em um luxuoso *shopping*, com réplicas perfeitas de bolsas de marca. Réplicas perfeitas, que até meus olhos mais treinados são enganados e fascinados. Os preços eram em Dólares e Guaranis. Eram três andares, com atendentes educadas e sorridentes por todos os lados. O lugar era fascinante. Compramos duas bolsas para presentear. Emaranhamos ainda mais pelas paralelas. Deixamos-nos levar pelo fluxo, pelo movimento dos carrinhos que nos espremiavam entre paredes, caixas, produtos, carros e pessoas. A materialidade do corpo se perde, deixa de existir. Esse movimento me incomodou. Cheguei a ficar irritado. Subimos e descemos escadas, ladeiras, entramos por um lugar e saímos por outros, nesse labirinto comercial de papelão. Os *shoppings* paralelos tinham seu primeiro andar como um grande mostruário, os demais andares servem como depósitos para os compradores em atacado. Dado curioso e revelador. Existe um Paraguai dentro do Paraguai, o Paraguai dos compradores, não dos turistas compradores, que não se aventuram pelos pontos mais negros do mercado global.

Decidimos partir. No topo da avenida tomamos o ônibus que vagorosamente desceu a ladeira, com vendedores de bebidas e batatas, entraram mais pessoas. Entraram mais sacoleiros, com ou sem sacolas. Atrás de nós assentam-se dois homens, tio e sobrinho. O primeiro ensina o segundo como proceder, já que esta aparentava ser sua primeira viagem profissional. Explicou como fazer no ônibus de carreira que iria atravessá-lo, onde descer, com que falar em caso de roubo ou quem deverá levá-lo. Sobre a ponte vi os barquinhos atravessando o rio, longe dos olhos da aduana. Barquinhos levando muambas. Muambas flutuantes pelo imenso Paraná.

Atravessamos a ponte e chegamos à aduana. O ônibus para. Eu e Hugo descemos. Pedimos informação de onde declarar e depois de desencontros de informação, Hugo retorna ao ônibus e segue viagem. Eu fico para trás, na aduana,



declarando o indeclarável, já que a menos de sete dias havíamos atravessado. Por boa vontade do atendente, passo com a bolsa pelas vistas grossas do estado. Sigo meu trajeto até o hotel. Chego em paz.

Depois de descansarmos chegou a hora de arrumar as malas. Tínhamos mais uma grande, preta, típica de sacoleiro (comprada na barganha). Organizamos cuidadosamente as compras por todas as sacolas, misturando com roupas sujas e novas, seguindo os conselhos que recebemos durante toda a estadia. Depois de malocar tudo, dormimos até a hora de nosso vôo. Já no aeroporto, passamos pelo raio-x sem grandes problemas. Passamos por todos eles. Entramos no avião e seguimos para casa, ao fim dessa viagem que, sem dúvidas, mudou minha vida.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APPADURAI, A. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2005.

\_\_\_\_\_. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução: Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BRANDÃO, L. Circuitos subalternos de consumo: sobre cópias baratas, falsificações e quinquilharias. **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.4, n.10, p.89-109, jul. 2007.

\_\_\_\_\_. O “camelódromo”, a cidade e os fluxos globais subalternos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fauusp**, São Paulo, v.16, n.25, p.232-251, jun. 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Traduzido por: Heloísa pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4. ed. 4. reimp. São Paulo: EdUSP, 2008.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vl.17, n.49, 2002.

SANT’ANNA, A. **Propaganda: teoria, técnica e prática**. 7. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.